

# A LEITURA da poesia

Elaboração e coordenação:  
Rebeca Gelse Rodrigues

## *Jardins*

### *Roseana Murray*

Flores passeiam no azul do dia,

fabricam coloridos silêncios,

como se fossem lenços de seda e ar.

Flores pintam norte e sul em todos os timbres e tons de azul.

Bem-me-quer, mal-me-quer, busco teu coração nas pétalas de seda,  
a enluarada confirmação.

Orvalho cobre a fina pétala das flores de fina água:  
envelope de céu.

Fiar auroras e sentimentos com as coloridas linhas do horizonte  
e fazer um dia de flores e fontes.

Uma lua amarela num jardim alado vem descansar seu luar.

Entre no jardim secreto, é lá que vive o eterno luar,  
as assombradas caravelas, as flores imperfeitas do amor.

Para que o dia seja todo de estrelas e magia,  
estranhas flores ao pé da estrada.

Flores alimentam sonhos, dão de comer aos olhos, arrumam  
e desarrumam formas e cores.

Flores espalhadas ao longo do dia, aladas, enluaradas, ensolaradas,  
são promessas de amor e poesia.

Na teia do dia as flores pousam aranhas de luz.

À noite as flores descansam as suas cores em cama de sombras.

Em dias de sol e chuva atravessar o arco-íris para chegar ao país das flores.

Uma estrela vem espiar: estrelas são iluminadas flores noturnas no quintal do céu.

Numa jarra flores em equilíbrio como aéreos sinos.

Do meu poema faço um jardim, violetas, dalias, rosas, jasmim, colorida guirlanda  
de palavras e vento.

Flores no caminho, moinhos de mel e sol, fonte de passarinhos.

Flores trazem notícias do campo, das cores do arco-íris, da imensidão dos sonhos.

Um campo semeado de sol e girassol, moinho de ouro moendo cores.

Flores perfumadas de sol e vento semeadas pela mesa,  
pela casa, pelos quatro cantos do tempo.

## TRAVA-LÍNGUAS

O chinês chique, de chapéu chocante, chegou com o bicho de luxo. Escorregou na graxa, se esborrachou no chão, machucou a coxa. Chocado, tece um chilique, chutou o lixo e xingou o chão.

---

Dona Chica chamou o Chico. Do Chico nem cheiro! Dona Chica foi xeretar. O Chico, de galocha, chapéu e guarda-chuva, tomava chá debaixo do chuveiro!

---

O príncipe Petrônio prometeu casar com a princesa na primavera. Ficou com preguiça, trocou de projeto. A princesa, braba, contratou a bruxa Petronila pra transformar o príncipe Petrônio em grilo do brejo.

---

A cruel criatura cometeu um grande crime: entrou na casa e devorou três vitrolas, pregou trinta pregos no vitrô, trançou o tricô da Cremilda e estragou treze tortas de creme. Credo!

---

Há três trecos tristes: treta, trapaça e tramóia.

A traça triturou os trajes do trio de Tremembé.

Não tem truque, troque o trinco, traga o troco e tire o trapo do prato.

Tire o trinco, não tem truque, troque o troco e traga o trapo do prato.

---

O desinquivincavacador das cavalarias desinquivincavacaria as cavidades que deveriam ser desinquivincavacadas.

---

Num ninho de mafagafos

Tinha seis mafagafinhos

Também tinha magafaças,

Maçagafas, maçafinhos,

---

**Ferreira Gullar**

mar azul  
 mar azul marco azul  
 mar azul marco azul barco azul  
 mar azul marco azul barco azul arco azul  
 mar azul marco azul barco azul arco azul ar  
 azul

**Cecília Meireles**

Som  
 frio.

Rio  
 sombrio.

O longo som  
 do rio  
 frio.

O frio  
 bom  
 do longo rio.

Tão longe  
 tão bom  
 tão frio  
 o claro som  
 do rio  
 sombrio!

***Axioma Nordestino***

**José Nêumanne**

poesia é semente?  
 poesia é fermento?  
 poema é fruto.

***Rebenta pipoca***

**Regina S. Ferreira**

Rebenta pipoca  
 Maria sororoca  
 Saltando bem louca  
 Pra dentro da boca.  
 Rebenta pipoca,  
 Branquinha e amarela.  
 Pula que pula,  
 No fundo da panela.  
 Quem resiste ao cheirinho dela?

***Na sacada da casa***

**Cecília Meireles**

Na  
 sacada  
 a saca  
 da caçada.  
 Na sacada da casa.  
 E a casada  
 na calçada.  
 Quem se casa  
 de casaca?  
 Na sacada da casa  
 a saca.  
 Na saca, a asa.  
 Asa e alça.  
 A saca da caça.  
 Quem se alça  
 da sacada  
 para a calçada?

A menina descalça.  
A menina calada.  
E na calçada da casa,  
a casada.

### ***Mar***

**Fernando Paixão**

tantas  
águas  
ondas  
vagas  
novas  
ondas  
vagas  
tantas  
novas  
águas  
ondas

### ***Água***

**Francisco Alvim**

Falar de ti  
é falar de tudo o que passa  
no alto dos ventos  
na luz das acácias  
é esquecer os caminhos  
apagar o enredo  
é pensar as formas do branco  
como teu corpo numa praia

branda e azul  
Tua pele não retém as horas  
escorres, líquida  
sonora

### ***Antimatéria***

**Reynaldo Damazio**

Arma não é brinquedo  
Crianças não são soldados  
Páginas não têm glândulas  
Poema está fora de moda  
Palavras nunca sangram  
Sangue pode ser veneno  
Saliva é bom remédio  
Palavras dão bons brinquedos  
Crianças têm gulas  
Soldados brincam de matar  
Página em branco é moda  
Poetas envenenam-se

### ***O Nada e o Coisa Nenhuma***

**Sérgio Caparelli**

O Nada e o Coisa Nenhuma  
saíram a parte alguma.

Dentro de um embornal  
o Nada pôs coisa nenhuma  
e num embrulho de jornal  
Coisa Nenhuma levou nada.

Quando chegaram à estrada  
 que leva a parte alguma  
 o Nada disse a Coisa Nenhuma:  
 - Este passeio vai dar em nada!

E ao tomarem a trilha  
 encontraram com Ninguém  
 que vinha de mãos vazias  
 sem dívidas e sem vintém.

- Por favor, como é seu nome?  
 pergunta-lhe Coisa Nenhuma.

- Sou o de nome nenhum  
 Ninguém ou qualquer um.

- Entendi nada, Ninguém.  
 Adeus e passar bem!

De volta a lugar nenhum  
 O Coisa Nenhuma e o Nada  
 repartiram um menos um  
 e correram, às gargalhadas,  
 virando sombra de sombra,  
 virando poeira de estrada.

### ***Onda***

**Guilherme de Almeida**

Morno  
 contorno  
 da onda  
 redonda....  
 Pluma  
 de espuma,

lenda  
 de renda,  
 frase  
 de gaze,  
 riso  
 de guizo...  
 Ninho  
 de arminho  
 onde  
 se esconde  
 aéreo  
 mistério...  
 trapo,  
 farrapo,  
 lenço  
 suspenso  
 pelas  
 estrelas...  
 resto  
 de um gesto  
 louco  
 que é o pouco  
 que há de  
 bondade  
 no alto  
 mar... Salto  
 da água  
 na mágoa  
 doida  
 de toda  
 vida  
 partida...

## **Velho**

**Jandira K. Mengarelli**

como quem  
 não sabe quando  
 nem como  
 mas sabe que sim  
 que não há não  
 o velho vai pela rua  
 olhando o que der  
 devagar  
 como que para fixar  
 como quem  
 a cada passo  
 não quer  
 como quem não quer  
 olha  
 pelo olhar que olha  
 despe  
 e se despede

## **Canção mínima**

**C. Meireles**

No mistério do Sem-Fim,  
 equilibra-se um planeta.  
  
 E no planeta, um jardim;  
 e, no jardim, um canteiro;  
 no canteiro, uma violeta,  
 e, sobre ela, o dia inteiro.  
  
 Entre o planeta e o Sem-Fim,  
 a asa de uma borboleta.

## **Ismália**

**Alphonsus de Guimarães**

Quando Ismália enlouqueceu,  
 Pôs-se na torre a sonhar...  
 Viu uma lua no céu,  
 Viu outra lua no mar.  
  
 No sonho em que se perdeu,  
 Banhou-se toda em luar...  
 Queria subir ao céu,  
 Queira descer ao mar...  
  
 E no desvairo seu,  
 Na torre pôs-se a cantar...  
 Estava perto do céu,  
 Estava longe ao mar...  
  
 E como um anjo pendeu  
 As asas para voar...  
 Queria a lua do céu,  
 Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
 Ruflaram de par em par...  
 Sua alma subiu ao céu,  
 Seu corpo desceu ao mar...  
 Soneto – Nelson Ascher

Fiz o que não devia,  
 o que devia, não;  
 compus uma canção  
 sem letra ou melodia.

À meia-noite ardia  
meu sol que, sem razão,  
legara de antemão  
trevas ao meio-dia.

e enquanto lia tudo  
que não dizia nada,  
ouvindo na calada  
da noite um eco mudo,  
pensava, sobretudo,  
que pouco sobrenada.

### ***Casamento***

**Leo Cunha**

E foram  
felinos  
para sempre.

### ***As bênçãos***

**Manoel de Barros**

Não tenho a anatomia de uma garça pra  
receber em mim os perfumes do azul.

Mas eu recebo.

É uma bênção.

Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas  
me namoram mais de perto.

Fico enamorado.

É uma bênção.

Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro  
para que se tornem peregrinos do chão.

Eles se tornam.

É uma bênção.

Até alguém já chegou de me ver passar a mão  
nos cabelos de Deus!

Eu só queria agradecer.

### ***Mágoas***

***Augusto dos Anjos***

Quando nasci, num mês de tantas flores,  
Todas murcharam, tristes, lagorosas,  
Tristes fanaram, redolentes rosas,  
Morreram todas, todas sem olores.

Mais tarde da existência nos verdores  
Da infância nunca tive as venturosas  
Alegrias que passam bonançosas,  
Oh! minha infância nunca tive flores!

Volvendo à quadra azul da mocidade,  
Minh'alma levo aflita à Eternidade.  
Quando a morte matar meus dissabores.

Cansado de chorar pelas estradas,  
Exausto de pisar mágoas pisadas,  
Hoje eu carrego a cruz de minhas dores!

### ***Começo a conhecer-me***

**Fernando Pessoa**

**heterônimo Álvaro de Campos**

Começo a conhecer-me. Não existo.

Sou o intervalo entre o que desejo ser e os  
outros me fizeram,

Ou metade desse intervalo, porque também  
há vida.....

Sou isso, enfim.....

Apague a luz, feche a porta e deixe de ter  
barulhos de chinelos no corredor.



Fique eu no quarto só com o grande sossego  
de mim mesmo.

É um universo barato.

### ***Problema***

#### **poema anônimo**

Dona centopéia passeia feliz,

Até que dom Sapo, maroto, lhe diz:

“responde na hora, assim, de repente:

Qual perna colocas atrás, qual na frente?”.

E isto a deixou perturbada assaz.

A pobre, abalada, caiu pra trás,

Rolou na sarjeta, e lá jaz, sem saber

Que perna primeiro usar pra comer.

### ***Gigante***

#### **Ricardo da Cunha Lima**

Ser vizinho de gigante

Tem a sua desvantagem:

Outro dia o grandalhão,

Quando estava de jejum,

Teve dor no barrigão

E acabou soltando um pum.

Resultado catastrófico:

Veio até televisão

Pra mostrar o acontecido,

Todo o estrago produzido

Pela fúria do tufão!

MAS QUE BAITA FURAÇÃO!!!!

### **Leo Cunha**

Ouriço no espelho

Com isso se espanta:

Sou bicho ou espeto?

Sou gordo, sou fino?

Sou primo do esquilo

Ou do porco-espinho?

Ouriço ou aquilo?

### ***Bem-te-vi***

#### **Libério Neves**

Onde cantas

bem-te-vi?

Mais além

ou mais ali?

Teu canto ouvi

mas não te vi.

Ti, ti - vi!

Ti, ti - vi!

Onde cantas

tu enfim?

Bem-te-vi

vem aqui

canta

perto de mim.

### ***Trova XIX***

#### **Hilda Hilst**

Se amor é merecimento

Tenho servido a Deus

Mui a contento.

Se é vosso meu pensamento  
Em verdade vos dei  
Consentimento.

E se mereci tal vida  
Plena de amor e serena  
Foi muito bem merecida.

E em me sabendo querida  
Do anjos e do meu Deus  
Na morte pressinto a vida.

E o que se diz sofrimento  
No meu sentir é agora  
Contentamento.

E se amor morre com o tempo  
Amor não é o que sinto  
Neste momento.

### ***XV Cantares***

#### **Hilda Hilst**

Para poder morrer  
Guardo insulto e agulhas  
Entre as sedas do luto.

Para poder morrer  
Desarmo as armadilhas  
Me estendo entre as paredes  
Derruídas.

Para poder morrer  
Visto as cambraias  
E apascento os olhos  
Para novas vidas.

Para poder morrer apeteçada  
Me cubro de promessas  
Da memória.

Porque assim é preciso  
Para que tu vivas.

### ***A urdidura da trama***

#### **Victor Del Franco**

Por trás do palco  
moiras tecelãs  
contam suas histórias,  
com esmero cosem à vida  
todas as cenas e percalços

cantam  
dançam  
representam

jamais perdem  
o fio da meada.

### ***Conversa pra boi dormir***

#### **Marcelo R.L.Oliveira**

Dona Vaca de Presépio  
conversava com o Boi Sonso  
conversa pra boi dormir.

Passou boi... Passou boiada...  
Esses dois, eu não invejo.

O boi puxou o carro  
E a vaca foi pro brejo.

## ***A rosa de Hiroshima***

**Vinícius de Moraes**

Pensem nas crianças  
 Mudas telepáticas  
 Pensem nas meninas  
 Cegas inexatas  
 Pensem nas mulheres  
 Rotas alteradas  
 Pensem nas feridas  
 Como rosas cálidas  
 Mas oh não se esqueçam  
 Da rosa da rosa  
 Da rosa de Hiroshima  
 A rosa hereditária  
 A rosa radioativa  
 Estúpida e inválida  
 A rosa com cirrose  
 A anti-rosa atômica  
 Sem cor sem perfume  
 Sem rosa sem nada.

## ***Quadrilha***

**Carlos Drummond de Andrade**

João amava Teresa que amava Raimundo  
 Que amava Maria que amava Joaquim que  
 amava Lili que não amava ninguém.  
 João foi para os Estados Unidos, Teresa para  
 o convento, Raimundo morreu de desastre,  
 Maria ficou para a tia, Joaquim suicidou-se  
 e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não  
 tinha entrado na história.

## ***Mentira***

**Ricardo Azevedo**

Mentira de lá  
 Mentira daqui  
 Me tira  
 De lá e daqui  
 Me tira dali  
 Me tira de cá  
 Mentira  
 Me deixa ficar?

## ***Coxas Bundas Coxas***

**Carlos Drummond de Andrade**

Coxas bundas coxas  
 bundas coxas bundas  
 lábios línguas unhas  
 cheiros vulvas céus  
 terrestres  
 infernais  
 no espaço ardente de uma hora  
 intervalada em muitos meses  
 de abstinência e depressão.

## ***O homem e a água***

**Murilo Mendes**

As mãos têm hélice, tempestade e bússola.  
 Os pés guardam navios  
 Aparelham para o Oriente  
 O olho tem peixes,  
 A boca, recifes de coral;  
 Os ouvidos têm noites pólos e lamento de ondas.  
 A vida é muito marítima.

**Fernando Pessoa -  
heterônimo de Ricardo Reis**

Sim, sei bem

Que nunca serei alguém.

Sei de sobra

Que nunca terei uma obra.

Sei, enfim,

Que nunca saberei de mim.

Sim, mas agora,

Enquanto dura esta hora,

Este luar, estes ramos,

Esta paz em que estamos,

Deixem-me crer

O que nunca poderei ser.

***Paraíso***

**José Paulo Paes**

Se esta rua fosse minha,

eu mandava ladrilhar,

não para automóvel matar gente,

mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,

Eu não deixava derrubar.

Se cortarem todos as árvores,

onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,

eu não deixava poluir.

Joguem esgotos noutra parte,

que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,

eu fazia tantas mudanças

que ele seria um paraíso

de bichos, plantas e crianças.

***A Tempestade***

**Gonçalves Dias**

Um raio

Fulgura

No espaço

Esparso,

De luz;

E trêmulo

E puro

Se aviva,

S'esquiva

Rutila,

Seduz!

Vem a aurora

Pressurosa,

Cor-de-rosa,

Que se cora

De carmim;

A seus raios

As estrelas,

Que eram belas,

Têm desmaios,

Já por fim.

O sol desponta

Lá no horizonte,

Doirando a fonte,

E o prado e o monte

E o céu e o mar;  
 E o manto belo  
 De vivas cores  
 Adorna as flores,  
 Que entre verdores  
 Se vê brilhar.

Um ponto aparece,  
 Que o dia entristece,  
 O céu, onde cresce,  
 De negro a tingir;  
 Oh! Vede a procela  
 Infrene, mas bela,  
 No ar s'encapela  
 Já pronta a rugir!

Não solta a voz canora  
 No bosque o vale alado,  
 Que um canto d' inspirado  
 Tem sempre a cada aurora;  
 É mudo quanto habita  
 Da terra n' amplidão.  
 A coma então luzente

Se agita do arvoredado,  
 E o vate um canto a medo  
 Desfere lentamente,  
 Sentindo opresso o peito  
 De tanta inspiração,  
 Fogem do vento que ruge  
 As nuvens aurinevadas,  
 Como ovelhas assustadas  
 Dum fero lobo cerval;

Estilham-se como as velas  
 Que no alto mar apanha,  
 Ardendo na usada sanha,  
 Subitâneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio  
 Em nós emaranha, - salgadas  
 As ondas s'estrangham, pesadas  
 Batendo no frouxo areal.  
 Disseras que viras vagando  
 Nas furnas do céu entreabertas  
 Que mudas fuzilam, - incertas  
 Fantasmas do gênio do mal!

E no túbido ocaso se avista  
 Entre a cinza que o céu apolvilha,  
 Um clarão momentâneo que brilha,  
 Sem das nuvens o seio rasgar;  
 Logo um raio cintila e mais outro,  
 Ainda outro veloz fascinante,  
 Qual centelha que em rápido instante  
 Se converte d'incêndios em mar.

Um som longínquo cavernoso e ouço  
 Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;  
 Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,  
 Que alpestres cimos mais veloz percorre,  
 Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco  
 Do norte ao sul, - dum ponto a outro corre:  
 Devorador incêndio alastra os ares,  
 Enquanto a noite pesa sobre os mares.  
 Nos últimos cimos dos montes erguidos

Já silva, já ruge do vento o pegão;  
Estorcem-se os leques dos verdes palmares,  
Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,  
Até que lascados baqueiam no chão.

Remexe-se a copa dos troncos altivos,  
Transtorna-se, tolda, baqueia também;  
E o vento, que as rochas abala no cerro,  
Os troncos enlaça nas asas de ferro,  
E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,  
Rasga-se o negro bojo carregado,  
E enquanto a luz do raio o sol roxeia,  
Onde parece a terra estar colado,  
Da chuva, que os sentidos nos enleia,  
O forte peso em turbilhão mudado,  
Das ruínas completa o grande estrago,  
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retubante,  
Inda o raio fuzila no espaço,  
E o corisco num rápido instante  
Brilha, fulge, rutila, e fugiu.  
Mas se à terra desceu, mirra o tronco,  
Cega o triste que iroso ameaça,  
E o penedo, que as nuvens devassa,  
Como tronco sem viço partiu.

Deixando a palhoça singela,  
Humilde labor da pobreza,  
Da nossa vaidosa grandeza,  
Nivela os fastígios sem dó;  
E os tempos e as grimpas soberbas,

Que a foice do tempo poupara,  
Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,  
Pobres regatos s'empolam,  
E nas turvas ondas rolam  
Grossos troncos a boiar!  
O córrego, qu'inda há pouco  
No torrado leito ardia,  
É já torrente bravia,  
Que da praia arreda o mar.  
Mas ao do desditoso,  
Que viu crescer a enchente  
E desce descuidoso  
Ao vale, quando sente  
Crescer dum lado e d'outro  
O mar da aluvião!  
Os troncos arrancados  
Sem rumo vão boiantes;  
e os tetos arrasados,  
Inteiros, flutuantes,  
Dão antes crua morte,  
Que asilo e proteção!

Porém no ocidente  
S'ergue de repente  
O arco luzente,  
De Deus o farol;  
Sucedem-se as cores,  
Qu'imitam as flores,  
Que sembram primores  
Dum novo arrebol.

Nas águas pouca;  
 E a base viva  
 De luz esquiva,  
 E a curva altiva  
 Sublima ao céu;  
 Inda outro arqueia,  
 Mais desbotado,  
 Quase apagado,  
 Como embotado  
 De tênue véu.

Tal a chuva  
 Transparece.  
 Quando desce  
 E ainda vê-se

O sol luziu;  
 Como a virgem,  
 Que numa hora  
 Ri-se e cora,  
 Depois chora  
 E torna a rir.

A folha  
 Luzente  
 Do orvalho  
 Nitente  
 A gota  
 Retrai:  
 Vacila,  
 Palpita;  
 Mais grossa,  
 Hesita,  
 E treme  
 E cai.

## QUADRINHAS

### *1. Um ratinho verde*

Um ratinho verde  
 Que passou correndo  
 Eu agarro pelo rabo,  
 Depois monstro ao tio Ricardo.  
 Ele diz, aflito:  
 Jogue no óleo e frite,  
 Jogue na água já!  
 Caracol bom quente você terá.

### *2. Bateu o sino*

Bateu o sino?  
 Deu meio-dia,  
 Disse a ratinha  
 Para a Sofia.  
 E onde está ela?  
 Na casa dela,  
 Lá na capela.  
 Fazendo o quê?  
 Renda. Pra quem?  
 Pra quem vai, pra quem vem,  
 Pra quem chega de trem!

### *3. Medo do lobo?*

Medo de lobo eu não tenho  
 Olhem esse, do desenho!  
 Ele tem os braços longos  
 E só come camundongos.  
 Por criança tem loucura  
 E só mostra a dentadura  
 Quando sorri!

#### ***4. Dona rata trota***

Dona rata trota  
 Negra no cinza da noite  
 Dona rata trota  
 Cinza no monte.

Uma nuvem passa  
 Escurece, a tarde esfria  
 Uma nuvem passa  
 Olha! Nasce o dia!

Dona rata trota  
 Rosa nos raios azuis  
 Dona rata trota  
 Brilhante na luz.

#### ***Troféu***

**Jorge Luis Borges**

Como quem percorre uma costa  
 maravilhado com a multidão do mar,  
 alvissarado de luz e pródigo espaço,  
 eu fui o espectador da tua formosura  
 durante um longo dia.

Nos despedimos ao anoitecer  
 e em gradual solidão  
 ao voltar pela rua cujos rostos ainda te  
 conhecem,  
 escureceu minha ventura, pensando  
 que de tão nobre profusão de memórias  
 perdurariam escassamente uma ou duas  
 para ser decoro da alma  
 na imortalidade de tua andança.

#### ***Lua minguante***

**Sylvia Orthof**

Uma lua tão fininha,  
 o que foi que aconteceu?

Diz-que-diz que foi um anjo  
 que sua unha roeu  
 e cuspiu o pedacinho  
 na noite que há no céu.

#### ***Macarronada***

**Sergio Caparelli**

Macarrão, macarronada

Nada

De tão bom, na panela,

Nela

A fome se consome,

Some

E depois se transforma,

Forma

Macarrão, macarronada.

#### ***Matinal***

**Mario Quintana**

O tigre da manhã espreita pelas venezianas,  
 O vento fareja tudo,  
 Nos cais, os guindastes – domesticados  
 dinossauros –  
 erguem a carga do dia.



## ***Aço em flor***

**Paulo Leminski**

Quem nunca viu  
que a flor, a faca e a fera  
tanto fez como tanto faz,  
e a forte flor que a faca faz  
na fraca carne,  
um pouco menos, um pouco mais,  
quem nunca viu  
a ternura que vai  
no fio da lâmina samurai,  
esse, nunca vai ser capaz.

## ***Alaranjado***

**João Guimarães Rosa**

No campo seco, a crepitar em brasas,  
dançam as últimas chamas da queimada,  
tão quente, que o sol pende no acaso,  
bicado  
pelos sanhaços das nuvens,  
para cair, redondo e pesado,  
como uma tangerina temporã madura....

***(sem título)***

**Paulo Leminski**

ali  
só  
ali  
se  
  
se alice  
ali se visse  
quanto alice viu  
e não disse

se ali  
ali se dissesse  
quanta palavra  
veio e não desce

ali  
bem ali  
dentro da alice  
só alice  
com alice  
ali se parece

## ***Ábaco***

**Olga Savari**

Lembro-me como se fosse hoje;  
no mato sem cachorro,  
mesmo sem cão, não caço com gato  
mas tiro meu cavalinho da chuva.  
Tarde aprendi que mais vale  
um pássaro na mão do que dois voando  
e que uma andorinha só não faz verão.  
Apanhando como boi ladrão,  
o homem é o lobo do homem.  
- Ah King Kong,  
cada macaco no seu galho.  
Sem jeito mandou lembranças.  
Boa romaria faz  
quem em sua casa fica em paz.  
Esperarei sentada.  
Vivaldi, vida vida,  
noves fora: nada.

### ***Anchieta com neblina***

**Alberto Martins**

nesta via  
de imprevistas  
geografias  
curva  
fechada  
pista  
escorregadia  
só espero  
que os faróis  
iluminem este chão  
– agora e na hora  
da mais árdua  
cerração

### ***O silfo- Paul Valéry*** (tradução de Nelson Ascher)

Entrevisto o esquivo,  
eu sou esse aroma  
finado mais vivo  
que no vento assoma!

Entrevisto e incerto,  
acaso ou talento?  
Mal se chega perto,  
concluiu-se o intento!

Entrelido e oculto?  
Que erros, ao arguto,  
Foram prometidos!

Entrevisto e alheio  
lapso nu de um seio  
entre dois vestidos!

### **Manoel de Barros**

Ando muito completo de vazios.  
Meu órgão de morrer me predomina.  
Estou sem eternidades.  
Não posso mais saber quando amanheço  
ontem.  
Está rengo de mim o amanhecer.  
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.  
Atrás do acaso fervem os insetos.  
Enfiei o que pude dentro de um grilo e meu  
destino.  
Essas coisas me mudam para cisco.  
A minha independência tem algemas.

### ***No meio do caminho***

**Carlos Drummond de Andrade**

No meio de um caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do  
caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

## ***Olha o bolhão***

**Regina S.Ferreira**

Ploct. Ploct, bolha de sabão

Sobre, colorida, tal qual balão,

Desce delicada na minha mão.

Esta maravilha, fui eu que fiz.

Estoura engraçada no meu nariz!

É um sonho bem pequeno e tão feliz...

## ***Parte II do poema O dia da criação***

**Vinícius de Moraes**

Neste momento há um casamento

Porque hoje é sábado

Há um divórcio e um violamento

Porque hoje é sábado

Há um homem rico que se mata

Porque hoje é sábado

Há um incesto e uma regata

Porque hoje é sábado

Há um espetáculo de gala

Porque hoje é sábado

Há uma mulher que apanha e cala

Porque hoje é sábado

Há um renovar-se de esperanças

Porque hoje é sábado

Há uma profunda discordância

Porque hoje é sábado

Há um sedutor que tomba morto

Porque hoje é sábado

Há um grande espírito de porco

Porque hoje é sábado

Há uma mulher que vira homem

Porque hoje é sábado

Há criançinhas que não comem

Porque hoje é sábado

Há um piquenique de políticos

Porque hoje é sábado

Há um grande acréscimo de sífilis

Porque hoje é sábado

Há um ariano e uma mulata

Porque hoje é sábado

Há uma tensão inusitada

Porque hoje é sábado

Há adolescências seminuas

Porque hoje é sábado

Há um vampiro pelas ruas

Porque hoje é sábado

Há um grande aumento de consumo

Porque hoje é sábado

Há um noivo louco de ciúmes

Porque hoje é sábado

Há um garden-party na cadeia

Porque hoje é sábado

Há uma impassível lua cheia

Porque hoje é sábado

Há damas de todas as classes

Porque hoje é sábado

Umas difíceis, outras fáceis

Porque hoje é sábado

Há um beber e um dar sem conta

Porque hoje é sábado

Há uma infeliz que vai de tonta

Porque hoje é sábado

Há um padre passeando à paisana

Porque hoje é sábado  
Há um frenesi de dar banana  
Porque hoje é sábado  
Há uma sensação angustiante  
Porque hoje é sábado  
De uma mulher dentro de um homem  
Porque hoje é sábado  
Há uma comemoração fantástica  
Porque hoje é sábado  
Da primeira cirurgia plástica  
Porque hoje é sábado  
E dando os trâmites por finados  
Porque hoje é sábado  
Há a perspectiva do domingo  
Porque hoje é sábado

## ***Vento***

**Luiz Camargo**

O vento venta e inventa mil maneiras de ventar.  
Vento fraco,  
Venta forte, venta gostoso feito um beijo ates de dormir.  
Se enrola feito um gato( ai, que sono!).  
De repente acorda e roda feito um rodamoinho.

## O QUE É POESIA

### *Texto de Fernando Paixão*

Falar de Poesia é falar de Símbolos. Há três sentidos interligados: linguagem, arte, poesia. De início, é preciso enfatizar que a atividade simbólica se exerce estritamente através da linguagem, entendendo-se nesta palavra uma abrangência ampla.

E mais: a relação entre simbolização e linguagem é tão íntima ao ponto de não se saber o que pode ter surgido primeiro; se a capacidade de o homem se expressar organizadamente através de códigos e línguas, ou se a necessidade de se criar signos( palavras, sons, gestos, etc) para designar os objetos da realidade.

A linguagem, por sua vez, permitiu o nascimento da arte, que é uma atividade onde se manifesta intensamente a criação simbólica. Mesmo em se tratando da literatura e da pintura realistas, já que seus elementos de retratação do real – as cores e as palavras - não constituem substância concreta, palpável, mas sim aparente.

A conclusão imediata disso é que os símbolos sempre habitaram o centro da arte, seja para contrapor-se à realidade, criando situações e lugares imaginários, seja para sobrepor-se a ela, dando-lhe um colorido poucas vezes percebido.

Assim, também, e talvez até com maior radicalismo do que outras manifestações da literatura (na prosa, na dramaturgia), acontece com a poesia. Através da poesia escutamos os dizeres ecoados de regiões profundas do ser humano, presenciamos sentimentos desconhecidos e gestos inesperados.

Escrevendo poemas, depurando suas emoções frente às coisas, o poeta abraça o símbolo no seu instante mais vivo – o instante criador - em que algo penetra no homem e ali produz sua cicatriz, sua moradia.

Apoiada em sua força simbólica, a linguagem dos poetas, é claro - se realça por ser uma dos raros discursos correntes em nossa sociedade em que existe o tom da confissão e de sinceridade, ainda que afirmem o contrário os famosos versos de Fernando Pessoa: “o poeta é um fingidor, finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”. O dizer poético, ao meu ver, representa apesar de tudo um dos poucos que ainda mantêm uma relação de necessidade com a vida.

É como se o poeta, guardadas as proporções. Mantivesse para si um compromisso idêntico ao dos homens primitivos que habitaram as cavernas. Ali, milhares de anos atrás, homens desenharam imagens de quadrúpedes nas paredes da caverna com a firme crença de que isso os ajudaria na caça desses animais. A linguagem de seus desenhos mantinha assim uma relação de continuidade e forte ligação simbólica com a natureza.

Modernamente a poesia, em quase todas as suas variantes de estilo, reincide sobre um objetivo semelhante, ou seja, investigar o real, aumentar o conhecimento e a vivência do mundo através das palavras. Por causa disso, o poeta encarna uma perspectiva bastante enriquecedora: ampliando a sua capacidade de animal simbólico, abre-se para ele uma nova dimensão: a de animal poético.

Ao invés de manter com a vida uma relação simbólica estagnada, como é o caso de muitas religiões, que oferecem aos seus seguidores uma visão de mundo pronta e acabada, na atividade poética, os símbolos transitam de maneira viva e brilhante. Na poesia, a linguagem cumpre de maneira radical e criadora sua função simbólica. Para mexer com a vida o poeta não pega na enxada, na foice ou martelo, não veste farda ou macacão, nem se especializa no manuseio de máquinas que reduzem a energia de viver a algumas equações de computador. A profissão do poeta é armar símbolos, tecer caminhos imaginários sobre a página, oferecer ao seu companheiro de viagem, o leitor ou ouvinte, uma inusitada sensação: a intimidade das palavras, o enredamento caloroso dentro delas. O poeta conquista sua expressão social dessa maneira insólita. Cumpre simultaneamente ou não, o papel de RECEPTOR de inspirações alheias, ou de EMISSOR que abre perspectivas inovadoras, como no caso das relações pessoais e amorosas em que a poesia lírica retrata e cria experiências dos coloridos mais diversos. Nenhuma dessas funções aparece explícita nos poemas, mas elas podem ser pressentidas na sua linguagem e no seu contexto simbólico. Em princípio, aliás, uma palavra ou imagem é simbólica sempre que representa algo mais do que seu significado imediato o óbvio. Ora, na linguagem poética, isso ocorre com extrema frequência, ou quase sempre, pois a intenção fundamental da poesia é exatamente transmitir esse algo mais que ultrapassa o racional e o consciente.